



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PDE**

PRODUÇÃO DIDÁTICA PEDAGÓGICA

RITA RENI COSMO

CASCADEL

2008



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PDE**

PRODUÇÃO DIDÁTICA PEDAGÓGICA

UNIDADE DIDÁTICA

RITA RENI COSMO

A Produção Didática Pedagógica é uma das atividades proposta pelo Programa PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional

Orientadora: Prof^ª MS. Zelina Berlatto Bonadimam

CASCADEL

2008

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PDE**

PRODUÇÃO DIDÁTICA PEDAGÓGICA

UNIDADE DIDÁTICA

A) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professor PDE: Rita Reni Cosmo

Área PDE: Educação Física

NRE: Cascavel

Professor Orientador IES: Professora MS. Zelina Berlatto Bonadimam

IES vinculada: Unioeste

Escola de Implementação: Colégio Estadual Horácio Ribeiro dos Reis

Público objeto de intervenção: 5ª série do Ensino Fundamental

B) TEMA DE ESTUDO PROPOSTO DA PROFESSORA PDE

Jogos

C) TÍTULO

INCLUIR: É Hora de Aprender

A ATIVIDADE FÍSICA COMO FATOR DE INCLUSÃO

Quando se fala em cidadania vemos que o esporte é um direito de todos os cidadãos assegurado pela Constituição, mas existe uma parcela significativa da população brasileira que “ainda” é considerada incapaz de praticar atividade: os portadores de necessidades especiais.

Esse preconceito é gerado principalmente pela falta de informação e pelo medo de lidar com uma situação que não se enquadra nos padrões estabelecidos. Para que todos sejam incluídos e compartilhem do desenvolvimento global fica claro que a sociedade precisa rever a questão da diferença e ampliar suas idéias sobre a cidadania e responsabilidade social.

Na comunidade escolar a situação se repete, crianças com necessidades especiais são excluídas das aulas de Educação Física apesar de ter os mesmos direitos ao lazer, ao esporte e a educação que outras crianças.

A inclusão, pode sim trazer benefícios para todos. Para crianças com necessidades especiais, ela significa uma oportunidade importantíssima para o seu desenvolvimento afetivo, assim como a sua inserção social. Para os seus colegas de turma certamente será uma experiência enriquecedora e marcante, uma lição de respeito a diversidade, cidadania, amizade e solidariedade.

Inclusão implica em reconstrução. Um novo conceito de sociedade planejada por todos e para todos.

O convite para que você professor de Educação Física trabalhe com as vivências das deficiências físicas, mentais e sensoriais é fazer com que seus alunos assimilem novas informações e novos conceitos, visando a modificação de comportamentos e atitudes.

Quando abordamos um assunto como tipos de deficiências é muito natural que estejam envolvidos sentimentos como: medo, pena, recusa e até mesmo raiva.

Essas emoções estão muito ligadas às idéias pré- concebidas e ao desconhecimento. A melhor forma para lidar com essas emoções é permitir que esses sentimentos venham à tona e trabalhar com elas, havendo melhor compreensão sobre as diferenças deficiências.

Recebendo um aluno necessidade especial

É fundamental conhecer nossos alunos. Todas as informações colhidas são de grande importância para o desenvolvimento do nosso trabalho. Para que isso aconteça é necessário que o professor procure orientações com os profissionais especializados e dos próprios pais para ter segurança de aplicar atividades físicas de maneira correta e que não tragam riscos para esses alunos.

Conversando com a classe sobre o seu novo colega

Um trabalho anterior à inserção de alunos com necessidades especiais na classe regular é o preparo de seus colegas para uma convivência igualitária. O professor deverá enfatizar que a base do desenvolvimento humano é a diversidade. Os comportamentos de rejeição e superproteção devem ser trabalhados para que possam ser superados.

É importante que o professor inicie um diálogo a partir de vivências concretas dos alunos a respeito das pessoas com necessidades especiais fazendo-lhes perguntas como: conhecem alguém portadora de alguma deficiência? Quem é essa pessoa? Ela frequenta ou frequentou alguma escola?

Conhecendo um pouco das deficiências visual, auditivas e motoras

-

Cegueira e visão sub-normal

Nos casos em que a criança não enxerga desde o nascimento (cegueira congênita), será necessário que esta criança aprenda que os sons são

originários de um espaço concreto. Por ser algo efêmero não poderá ser o único referencial de orientação espacial.

A criança que possui resquício visual, encontra mais opções de usufruir o espaço em que está inserido. É necessário conhecer os diferentes tipos de comprometimento visual, para que esta criança possa ser estimulada com todos os elementos existentes nas informações visuais.

A classificação da deficiência visual possui variação conforme o objetivo a que se destina, mas todas são baseadas em elementos clínicos. Essa classificação possui interpretações em níveis educacionais e esportivas.

Sob o enfoque educacional, a cegueira representa perda total ou resíduo mínimo de visão é que leva ao aluno a necessitar do método braille como leitura e escrita e outros equipamentos especiais como também recursos didáticos para a educação.

Sob o enfoque educacional, a visão sub-normal, trata-se de resíduo visual tal, que permite ao educando ler material impresso a tinta, desde que empregados recursos didáticos e equipamentos especiais e ao mesmo tempo lentes de óculos que facilmente corrijam algumas deficiência.

A falta de visão nas pessoas cegas interfere em seu relacionamento motor, cognitivo e perceptivo.

Segundo Conde (1994), as defasagem psicomotoras apresentadas pelas pessoas cegas e com baixa visão são: imagem corporal, esquema corporal, esquema cinestésico, equilíbrio dinâmico, postura, mobilidade, marcha, locomoção, expressão corporal, expressão facial, coordenação motora, lateralidade, direcionalidade, inibição voluntária, maneirismos, resistência física, dificuldade de relaxamento, tônus muscular, maior espaço de tempo entre a prontidão postural e o movimento inerente.

Pessoas cegas podem apresentar baixa auto-confiança, baixa auto-estima, insegurança em relação as suas possibilidades, ansiedade, isolamento, bloqueio no relacionamento, medo e apatia.

Por não sentir-se pertencer a um grupo social que não a família o desenvolvimento sócio-afetivo muitas vezes pode ser comprometido.

Segundo Diehl (2008), o conhecimento do corpo por meio de esquema corporal é muito importante para a formação de uma consciência corporal realista no processo do desenvolvimento. Isso vai tornando a pessoa mais

confiante em si mesma, possibilitando o aprendizado de novas habilidades motoras e um alto conhecimento positivo. Uma pessoa que conhece seu corpo e tem segurança em sua orientação espacial e mobilidade corporal é um ser confiante possuidor de auto-estima.

A pessoa cega pode ter uma percepção auditiva e tátil aguçada (por necessitar mais desses órgãos do sentido) sendo assim, seu desenvolvimento motor é estimulado por meio de informação sensoriais, sonoras e táteis. O movimento é percebido pela criança cega através do toque (sentido cinestésico) e de orientações sonoras. A estimulação de suas capacidades sensoriais (auditiva e tátil) é fundamental para o seu desenvolvimento intelectual, social e físico.

A aula de Educação Física é uma das oportunidades onde crianças e jovens cegos ou com baixa visão podem explorar seu espaço e adquirir desempenhos motores para as atividades do seu dia-a-dia.

Quando o professor integra um aluno cego ou de baixa visão nas aulas de Educação Física, possibilita-os a momentos importantes de inclusão social e ampliação de seu círculo de amizades. Sempre que possível adaptar as atividades às necessidades destes alunos. O professor deverá estar ciente de que em algumas atividades não há possibilidade da inclusão de crianças e jovens cegos ou de baixa visão.

Surdez

Muitos são os nomes utilizados ao referir-se àqueles que têm o sentido da audição comprometido ou inexistente, tais como "mudos", surdos-mudos e deficientes auditivos, e mais uma gama de expressões politicamente corretas. (Diehl (2008),

Para melhor compreensão dos alunos, utilize o termo surdo para pessoas com déficit auditivo, é a expressão adotada pela comunidade surda.

As causas da surdez pode ser congênita nas fases pré e peri-natal (durante a gestação ou no parto). Também podem se adquiridas ao longo da vida.

A língua de sinais é o meio de comunicação dos indivíduos surdos. É estritamente visual, comunicada através de gestos codificados, tais como pequenos movimentos do corpo e expressões visuais. Dependendo da intensidade da conversa, a forma expressa revela essa intensidade.

Cada país possui a sua língua de sinais, isto porque recebe a influência do seu povo. No Brasil foi oficializada em 2002 com o nome de LIBRAS. Também possui regionalismos o que caracteriza ainda mais como língua.

Pesquisas feitas apontam que a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais. O que difere uma da outra é como a formação de informação é captada e transmitida. Uma utiliza-se da fala e da audição e a outra faz uso da visão e do gesto.

Os sinais expressos pela comunidade surda estabelece a língua-mãe desses sujeitos. Pessoas sem comunicação, sem uma língua própria não desenvolvem sua identidade cultural, seja surda ou ouvinte. (Diehl (2008),

Existem palavras que ainda não possuem um sinal. Utiliza-se então, o alfabeto datilológico como auxiliar da comunicação. Utiliza-se também para soletrar nomes específicos como de pessoas, animais, ruas, etc... A soletração serve apenas como auxiliar na comunicação da comunidade surda. O nome de cada pessoa é substituído por um sinal que a identificará, sendo assim, não são utilizados os nomes próprios e sim os sinais escolhidos para identificação pessoal.

Na atualidade já se pensa, além da língua de sinais, também a língua escrita de sinais, devido às dificuldades na escrita que os surdos brasileiros encontram, pois comunica-se em LIBRAS e escreve em seu segundo idioma, o português.

Segundo a concepção de Perlin (1998) os surdos possuem comportamentos que se aproximam, formando grupos distintos. (a Diehl, 2008)

Dependendo do tempo de surdez e do contexto onde estão inseridos as pessoas surdas apresentam comportamentos diferentes possibilitando assim a identificação desses comportamentos.

- a) Identidade surda pura: utiliza a LIBRAS para a sua comunicação e frequenta grupos de surdos. São grupos que são mais engajados em discussões políticas em prol dos direitos dos surdos.

- b) Identidade surda híbrida: Surdez adquirida após a aprendizagem da linguagem oral. Já experiemnetaram o “mundo” dos sons e agora pertecem ao “mundo” dos surdos.
- c) Identidade surda de transição cultural: As pessoas envolvidas nesse grupo passam grande parte do seu tempo com pessoas ouvintes e estão parcialmente inseridas na comunidade surda.
- d) Identidade surda flutuante: Essas pessoas estão inseridas na comunidade ouvinte e não possuem contato com pessoas surdas. Esse tipo de identidade é subdividido em dois grupos: os que conseguiram de alguma forma acompanhar a cultura ouvintista e o grupo que não possui autonomia, dependendo sempre de uma pessoa ouvinte. (Perlin, 1999)

Segundo Freitas e Cidade (1997) no plano emocional os surdos têm a tendência a maior emotividade, introversão acentuada, menor autossomínio, atraso na maturidade psicológica, profundo sentimento de inferioridade, maior tendência a neuroses, ausência de precisão, rigidez de pensamento e falta de controle intelectual sobre os impulsos.

Tais comportamentos tendem a desaparecer ou até mesmo não se fazer presentes se a pessoa surda possuir um bom convívio social e for estimulado precocemente. Se não forem estimulados adequadamente, não frequentarem uma escola que auxiliem a desenvolver o seu potencial e não se comunicar em LIBRAS seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional podem ser prejudicados.

Nas aulas de Educação Física ou em atividades de lazer com crianças e adolescentes surdos, o mais importante é observar o comportamento de cada um. A dança-teatro ou atividade de interpretação em geral, são ótimas técnicas de expressão surda.

Os jogos de imitação são atividades importantes para estimular a sua capacidade expressiva, desenvolvendo a expressão corporal o que auxiliará na sua comunicação e na perda da timidez, já que a língua de sinais é visual-motor.

Deficiência física de origem cerebral

As deficiências físicas de origem cerebral são causadas por lesões ocorridas no cérebro que afetam diferentes segmentos do corpo, causando monoplegia quando afeta um membro; diplegia quando afetam dois membros; triplegia se afetarem três membros; quando atingem quatro membros será quadriplegia; e hemiplegia quando todo um lado do corpo é afetado. (Diehl, 2008)

O comprometimento do membro/segmento afetado varia de acordo com o grau: leve, quando o movimento é feito quase na sua perfeição; moderado quando a pessoa necessita de alguma forma de auxílio; e severo se há dependência em função do comprometimento. As lesões mais comuns são a paralisia cerebral e os traumatismos cranianos.

Dependendo de que maneira as lesões no Sistema Nervoso Central as crianças ou jovens com paralisia cerebral, todas as atividades recreativas possíveis e adaptáveis devem ser oferecidas.

As atividades de consciência corporal são de suma importância. Deve ser priorizadas por estimularem principalmente as que envolve discriminação entre esquerdo e direito, dominância lateral, consciência das partes do corpo, orientação espacial, direcionalidade e percepção do próprio controle motor.

Contemplar também nas aulas de Educação Física atividades que desenvolvam habilidades de equilíbrio, pois essas crianças e jovens apresentam facilmente a perda de equilíbrio.

Atividades de motricidade ampla tem resultados melhores do que as de exigência da motricidade fina, embora podemos utilizar todas. Crianças e jovens com paralisia cerebral poderão apresentar comprometimento na fala, o que pode acarretar uma comunicação truncada. Exigirá paciência de todos os envolvidos para poder entendê-los.

Uma criança com deficiência física congênita irá desenvolver padrões motores básicos e específicos, de acordo com a sua capacidade motora. Muitas vezes, por si só ela descobrirá um vocabulário específico que lhe dará a autonomia necessária para um vida plena desde que ela tenha a liberdade para criar seu próprio repertório de movimentos a partir das suas limitações. Se as pessoas de seu convívio aceitarem-na tal qual é ao mesmo tempo que a estimularem para que realizem as mesmas coisas que outras crianças, ainda que à sua maneira do seu jeito de caminhar, do seu jeito de correr e de saltar,

ela se sentirá capaz de realizar as tarefas motoras, apesar de seu comprometimento. Em decorrência, terá uma auto-aceitação muito maior, que se refletirá nas suas conquistas futuras. (DIEHL,2008)

Trabalhando com Atividades de Simulação

Atividade de simulação: como ser portador de deficiência visual

ATIVIDADE 1

Objetivo - Permitir aos alunos que “reconheçam” através do tato diferentes objetos.

Material - Vendas pretas, caixa de papelão, objetos que usamos em nossas atividades ou tarefas do dia a dia e outras desconhecidas como por exemplo: alguns utensílios domésticos. Incluir também alguns objetos usados por pessoas surdas como por exemplo uma bola com guizo, um dado.

Procedimento – Formar um círculo. Pedir aos alunos para colocar as vendas nos olhos. O professor passará um objeto de cada vez para um aluno próximo seu. Este passará para o colega do lado, que passará para outro colega até que o objeto passe por todos os integrantes do grupo. Ao final da atividade promover debate sobre questões das dificuldades encontradas na atividade.

Sugestões – 1) Reconheceu todos os objetos?

2) Quais as dificuldades que você encontrou?

ATIVIDADE 2

Objetivo _ Ajudar os alunos a perceberem como é “precisar de ajuda” e como dar ajuda a uma pessoa com deficiência visual.

Material – Vendas pretas.

Procedimento – Divida o grupo em pares e explique que todos os alunos terão a oportunidade de simular a deficiência e serem acompanhantes. Explique que o papel do acompanhante é estar ao lado do “cego” para oferecer sua ajuda e conduzi-lo. Em seguida os pares serão orientados para se locomoverem no espaço escolar por um tempo determinado pelo professor. Terminado esse tempo os alunos trocarão de função.

Ao final da atividade promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas.

Sugestões:

Como você se sentiu simulando uma pessoa cega?

Como você se sentiu simulando o acompanhante?

ATIVIDADE 3

Ojetivos: Permitir aos alunos “experimentar” como a pessoa com deficiência visual também sente prazer em participar de atividades nas aulas de educação física.

Material: vendas pretas

Bolas de basquete

Procedimento: Explicar aos alunos que eles participarão de uma atividade de competição simulando uma pessoa cega. Dividir a turma em duas colunas. A bola que está com o primeiro aluno das colunas deverá passar por cima das suas cabeças, quando o segundo receber passará para o terceiro por entre as pernas, este deverá passar para o quarto por cima da cabeça, e assim sucessivamente. Quando chegar no último integrante da coluna, este deverá trazê-la pra frente e reiniciar o jogo. Será vencedora a equipe onde o primeiro integrante a parecer novamente no início da coluna. Ao final da atividade promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas.

Sugestões:

- 1- Qual foi a melhor maneira que o grupo encontrou para trazer a bola até o início da coluna e tentar ganhar a competição? Por quê?
- 2- Que sentimentos a atividade despertou em vocês?

Atividade de simulação: como ser portador de deficiência auditiva

ATIVIDADE 1

Objetivo: Ajudar os alunos a aprenderem que as “dicas” visuais são essenciais para uma pessoa com deficiência auditiva no processo de informação.

Material: Aparelho de Tv, papel e lápis para cada aluno, Filme escolhido pelo professor.

Procedimento: Após ligar a Tv para os alunos assistirem o filme, tire completamente o som. Observe as diferentes reações tais como: distração, dispersão, tensão, etc.

No final da atividade promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas.

Sugestões:

- 1- Como você se sentiu não podendo ouvir o filme?
- 2- Quais foram as melhores dicas no filme para que você pudesse entender o filme?
- 3- O que precisaria para que as pessoas com deficiência auditiva entendesse melhor um programa ou um filme?

ATIVIDADE 2:

Objetivo: Permitir aos alunos “experimental” as dificuldades que pessoas com deficiência auditiva têm por não participar do mundo dos sons.

Material: Uma bandeira e uma bola de handebol.

Procedimento: O professor dividirá a turma em equipes para jogar handebol. As equipes que estão jogando deverão estar atentos no jogo e na arbitragem com o professor, que a fará através da bandeira. As equipes que não estão jogando observam o comportamento dos alunos que estão em quadra. Após determinado tempo o professor trocará as equipes.

No final do jogo promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas na atividade.

Sugestões:

- 1) É difícil jogar e estar atento na arbitragem?
- 2) Quando os colegas estavam jogando lembravam de olhar para a bandeira?

ATIVIDADE 3

Objetivo: Permitir aos alunos a “experimental” a dificuldade de comunicação enfrentadas pelas pessoas com deficiência auditiva.

Material: Fita crepe, lápis e papel.

Procedimento: O professor escreverá no quadro várias palavras e pedirá que os alunos formem duplas e que cada aluno escreverá em uma tira de papel uma frase simples e curta com qualquer palavra que esteja no quadro sem que o colega veja a sua frase. Exemplo: No quadro uma das várias palavras que o professor escreveu foi corda. A frase escrita por um dos alunos das duplas é: Ontem eu pulei corda com meu irmão. O aluno que escreveu a frase colocará a fita na boca (para evitar que fale) e através de gestos tentará passar o conteúdo da frase para o colega e este tentará compreendê-la. Através de afirmativas e negativas o aluno que está gesticulando irá orientando o colega se este está ou não acertando o que está escrito na frase. Após determinado tempo estipulado pelo professor, o aluno que estava gesticulando lerá a frase para o colega. Em seguida troca as funções da dupla.

Ao final da atividade promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas.

Sugestões: 1- Como você se sentiu não podendo falar um simples frase para o seu colega?
2- É difícil fazer com que as pessoas entedam o que você quer dizer com gestos?

Atividade de simulação: como ser portador de deficiência física de origem cerebral

ATIVIDADE 1

Objetivo: Permitir aos alunos “experimental” a rigidez muscular das mãos que é geralmente consequente de paralisia cerebral.

Material: Dois pares de meias grossas (pedir para que os alunos tragam de casa), papel e lápis.

Procedimento: Dividir os alunos em grupo de 4 integrantes. pedir para vestir as meias nas mãos. Os alunos brincarão de Stop. Não poderão tirar as meias das mãos enquanto escrevem.

Ao final da atividade promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas na atividade.

Sugestões: 1- Como você se sentiu escrevendo com as meias nas mãos?

ATIVIDADE 2

Objetivo: Permitir aos alunos “experimentarem” a dificuldade de como falar e ouvir alguém com deficiência na fala geralmente consequente de paralisia cerebral.

Material: Lápis e papel.

Procedimento: Pedir aos alunos que façam grupos com 4 integrantes. Pedir para os alunos fazer alguns minutos de silêncio para permitir que escrevam por exemplo uma poesia ou um pedaço de uma música ou provérbios, canções infantis, etc. O professor em seguida escreverá no quadro uma frase da sua escolha e pedirá para que os alunos leiam todos juntos o que está escrito no quadro com a língua presa nos dentes do fundo da boca. É importante que o professor participe dessa leitura e reafirme a seriedade dessa atividade. Logo em seguida um aluno do grupo simula a deficiência na fala lendo o que escreveu para os seus colegas do grupo. Os outros escutam até que ele termine e então entender o que foi dito. Se o grupo não conseguir entender, o aluno repetirá a leitura. Se o grupo continuar não entendendo o aluno repete a leitura sem simulação. A atividade termina quando todos do grupo fizerem suas leituras. Ao final da atividade escrever no quadro questões e pedir aos alunos para refletirem silenciosamente nas respostas.

Sugestões:

- 1- Como você se sentiu simulando a deficiência na fala?
- 2- Como você se sentiu ouvindo alguém com deficiência na fala?

ATIVIDADE 3

Objetivo: Permitir aos alunos “experimentar” a limitação dos movimentos do braço que geralmente é consequência de paralisia cerebral.

Material: Fita crepe, apito e bolas

Procedimento: Alunos divididos em grupos de 6 pessoas sentados em círculos. Dois alunos com o cotovelo encostado no corpo preso pela fita crepe. A bola passará de mão em mão dos componentes do grupo. Ao ouvir o som do apito os alunos deverão parar de passar a bola. O aluno que ficou com a bola na mão pagará uma “prenda” como: dizer um verso, cantar, etc. Repetir mais algumas vezes a simulação com os mesmos alunos, Contemplar todos os alunos com a simulação.

Ao final da atividade promover discussões sobre questões das dificuldades encontradas na atividade.

Sugestões: 1-Quais dificuldades você teve em passar a bola para os colegas?

2-Como você se sentiu vendo que os colegas passavam a bola mais rápido que você?

As sugestões das atividades propostas nesta unidade didática poderão e deverão ser enriquecidas com a sua criatividade. O importante é o que o respeito pela diversidade e a diferença sejam mantidos e que as atividades vivenciadas sejam realmente enriquecedoras e marcantes na vida de todos os participantes.



http://cybelemeyer.blogspot.com/2008_01_16_archive.html

REFERÊNCIAS

DIEHL, Rosilene Moraes. **Jogando com as diferenças**. Ed. Aphorte, São Paulo, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **A integração do aluno com deficiência na rede de ensino**. Com os pés no cotidiano. MEC.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **A integração do aluno com deficiência na rede de ensino**. Novos conceitos, novas emoções. MEC.

RODRIGUES. David (org). **INCLUSÃO E EDUCAÇÃO. Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo. Summus. 2006